

120  
2  
Homem e à Igreja. Destes Éons emanam outros, até haver trinta emanações, trinta qualidades, atributos ou princípios, trinta Éons que compõem a plenitude da criação, chamada de Pleroma.

Mas de todos os Éons que compõem a Pleroma, só o "Único Concebido", o *Nous*, podia conhecer a Divindade, porque era a primeira emanação dela. Os outros Éons esforçavam-se para conhecer seu Pai original, mas não conseguiram; e nesse esforço, a última emanação, o Éon Sophia, a criação mais jovem, e portanto mais afastada do Antepai, enlouqueceu. Apesar de toda sua busca para conhecer o Pai, descobriu que isso era impossível, e por pouco escapou da destruição. As conseqüências de sua tentativa, porém, permaneceram, rudimentares mas criadas, como produto de seu estado mental — Sophia tinha de fato emanado por si mesma, sem intenção deliberada. Para cuidar dessa emanação informe e restaurar o equilíbrio no Pleroma, o Antepai emanou Cristo e o Espírito Santo. Por uma série de outras emanações e atividade eônica, os subprodutos da luta de Sophia para conhecer Deus tornam-se matéria, alma e essência divina, ou pneuma (espírito). O verdadeiro criador do mundo é o Demiurgo, que tem como característica principal a ignorância. É composto da mesma substância que a alma, e para comunicar a gnose, que permitirá aos homens alcançar a salvação, a essência espiritual ou divina é encarnada no Cristo histórico, cuja mensagem atrairá os elementos divinos no homem.

No sistema extraordinariamente complicado de Valentinus, a infeliz posição do homem é atribuída a uma falha no Pleroma, um lapso de perfeição na completa auto-expressão da Divindade. O criador do mundo, o Demiurgo, ocupa um espaço na verdade muito inferior na inadvertida criação. Não se sugere que ele seja deliberadamente mau. Mas a religião que a Igreja Cristã tinha de vencer acima de todas afirmava que o Demiurgo equivalia

a Satanás. Tratava-se de uma total oposição a todas as idéias de que o mundo era bom, como produto da atividade direta ou indireta do Pai.

### Os Maniqueístas

Mani, o fundador da fé maniqueísta, nasceu por volta de 216 D.C., na Babilônia, e começou seu ministério em fins de 230. As tentativas de Valentinus e seus inúmeros discípulos visavam criar uma elite de "pneumáticos" capazes de compreender o esotérico significado da escritura cristã dentro da Igreja Cristã. Mani adotou idéias gnósticas semelhantes, mas fundou uma religião rival. Foi crucificado em 275.

O ponto de partida de Mani foi o princípio dualista desenvolvido na Pérsia: a absoluta separação entre os poderes do bem e do mal, que existia desde o início. Eram a Treva e a Luz. A Treva erguera-se contra a Luz, e como a Luz é toda bem não pudera resistir à Treva pela força. Da Luz emanou o Homem Primal, que partiu para combater o Arquidemônio. O Homem Primal foi vencido pelo adversário, e entregou-se com seus cinco filhos como alimento para a Treva, "como um homem que tem um inimigo mistura um veneno mortal num bolo e oferece-o a ele". A Treva envolveu os cinco filhos em matéria e eles caíram no sono da ignorância, do qual só a gnose pode despertá-los. Grande parte da essência divina foi salva pela intervenção de um mensageiro da Luz, mas o que não se salvou foi atado com mais firmeza pelos agentes da Treva, que criaram as formas da humanidade imitando as formas assumidas pelo mensageiro divino. Da Luz enviou-se outro mensageiro, com a missão especial de comunicar a gnose ao homem — ou, mais precisamente, de recolher o espírito divino ainda preso na matéria em toda parte da criação onde ele ainda sobrevive. Trata-se do *Jesus patibilis* (Jesus sofredor), cuja obra de salvação é uma invisível, onipresente e perpétua recuperação da Luz do poder da Treva.

As polêmicas cristãs contra a quinta-coluna gnóstica dentro de suas fileiras deram lugar a um confronto com o Maniqueísmo. No Ocidente, reprimiu-se a doutrina de Mani, mas no Oriente ela sobreviveu. Outros gnosticismos perduraram entre os árabes, e logo lhes deram um colorido islâmico. Assim, os derviches *bekta-shi* mulçumanos e outras ordens sufitas, e também grupos como o *Ahl-i-Haqq*, da Pérsia Ocidental, até hoje preservam o Gnosticismo em diferentes formas. Sobrevivem outras comunidades de origem gnóstica, como os *Yezidjes* — os chamados "adadores do Diabo" da Turquia Oriental e da Pérsia — e os *Mandaens*, em áreas do Iraque e em suas fronteiras. Na Idade Média cristã, surgiram cultos gnósticos nas fileiras da heresia. Além de sua teologia, podem ser reconhecidos pelo comportamento de seus sectários, que sempre atraíram a censura das autoridades eclesiásticas.

### Os Cataristas e o Livre Espírito

Se alguém defende uma fé que afirma que o mundo material é mau, ou um grave erro, uma falha no projeto universal, tem dois caminhos possíveis quanto à moralidade pessoal. De um lado, a renúncia a todos os prazeres da carne e o desenvolvimento de um extremo ascetismo. Os maniqueístas adotavam esta atitude: privar a Treva de seu poder, abstendo-se o máximo possível de relacionar-se com sua criação. Do outro, o gnóstico defronta-se com a possibilidade de que, como sua natureza divina é imortal de qualquer modo, as restrições da moralidade convencional não se apliquem a ele. Essa liberdade moral do gnóstico pode na verdade ser adotada como uma tática deliberada, seja como um desafio às leis da matéria, seja como uma tentativa de fazer tudo, e com isso exaurir o mundo natural de seu poder sobre o espírito. De um lado, o ascético, do outro o que busca excessos: mas, qualquer que seja a forma, o gnóstico sempre se julga como um dos eleitos.

Talvez a mais famosa de todas as heresias medievais, a dos cataristas, se revele como gnóstica do tipo ascético. A primeira vez que se usou o nome catarista, com o sentido de "puro", foi em 1030, para uma comunidade em Montefeltro, na Itália; mas a igreja catarista deitou raízes mais profundas no sul da França, onde suas doutrinas foram introduzidas pela igreja lombarda herege chamada de *Concresso* que por sua vez derivava suas doutrinas dos *bogomils*, de influência maniqueísta, da Bulgária. Os cataristas acreditavam que havia uma série de éons entre Deus e o mundo material. Este último era criação de Jeová, o Deus do Velho Testamento, que se equacionava com Satanás. Devido à posição do homem nesse mundo satânico, era aconselhável não gerar nenhuma vida nova, pois isso apenas acarretaria outro aprisionamento da centelha do Divino. Casamento e procriação eram anátemas, embora se permitisse o contato sexual, contanto que não resultasse em filhos. A classe iniciada ou sacerdotal era conhecida como os "Perfeitos", que eram para todos os efeitos manifestações de Deus, cheios como estavam do Espírito Santo. Em 1207, o Papa Inocente III solicitou ajuda aos magnatas do norte da França para esmagar a religião rival. A principal fortaleza catarista de Montségur caiu em 1025, mas durante cinquenta anos depois os especialistas em detetar heresias mantiveram-se atarefados caçando os refugiados desse credo outrora perigoso.

Os heréticos do Livre Espírito adotaram exatamente o ponto de vista oposto, praticando um gnosticismo do tipo libertino. O Livre Espírito parece ter tido ligações com uma escola do misticismo neoplatônico cujo principal representante foi *Meister Eckhardt* (c. 1260-1327), que em certa época se supôs fosse o autor do *Schwester Katrei*, um dos textos do Livre Espírito. Este tratado descreve as lutas da *Irmã Katherine* do Livre Espírito em suas tentativas de conhecer Deus. Ela acaba al-